

Cláudia Garibotti Bechler¹Atilio Butturi Junior²

RESUMO: Este trabalho pretende analisar os discursos produzidos sobre a mulher esportista durante as Olimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016, materializados na coluna da Revista AzMina, no portal UOL, durante o período do evento. A partir das discussões da arqueogenealogia foucaultiana e de algumas reflexões sobre o conceito de gêneros e os feminismos, notamos que as estratégias discursivas de AzMina são polivalentes, trazendo à tona uma luta discursiva em que as resistências aparecem relacionadas à retomada de memórias discursivas sobre as mulheres. Por fim, concluímos que a revista, não obstante seu limites, empreende um deslocamento importante diante do discurso heteronormativo e androcêntrico que, ainda hoje, produzem os enunciados sobre a mulher e o esporte na mídia jornalística.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso. Mídia. Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. Feminismo. AzMina.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, o acesso a informações sobre os diversos feminismos³ está facilitado graças ao acesso massivo à internet e à certa popularização dos discursos de lutas relativos às identidades e às formas de subjetividade de gênero. Hoje, pode causar indignação que o Presidente do Brasil país declare, no Dia Internacional da Mulher, que “[...] ninguém é mais capaz de indicar mudanças nos preços dos supermercados do que as mulheres” (ROCHA; MONTEIRO, 2017), além de reduzir a atuação das mulheres à criação dos filhos em casa. Esses enunciados, ditos sem o menor constrangimento e num suposto caráter de “elogio”, que boa parte dos brasileiros – inclusive mulheres – retoma na forma de uma memória, apontam que

¹ Bacharela em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisadora do Grupo de Estudos no Campo Discursivo (CNPq/UFSC). E-mail: claudia.bechler@grad.ufsc.br.

² Doutor em Linguística, docente do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina e do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul. Líder do Grupo de Estudos no Campo Discursivo (CNPq/UFSC). Bolsista de pós-doutoramento da CAPES-Brasil (processo 88881.120013/2016-01), realiza pesquisa na Universidade Nova de Lisboa. E-mail: atilio.butturi@ufsc.br.

³ Os feminismos e as diferenças entre eles serão tratados em seção específica deste trabalho.

os discursos sobre a mulher podem, muitas vezes, permanecer restritos às posições de sujeito tradicionais, a saber: de guardiã dos filhos, de exemplo dos cuidados provados, de “ pilar ” da conjugalidade heterossexista.

Dessa perspectiva, tomamos como objeto deste trabalho os discursos veiculados na coluna da Revista AzMina e publicados no portal UOL durante o período da Olimpíada do Rio de Janeiro em 2016. Nosso objetivo, então, é analisar os discursos sobre a mulher e o esporte produzidos pela mídia e os enunciados de resistência que se configuram e são recapturados pelo dispositivo midiático e pelo dispositivo sexual. Mais exatamente, a pesquisa busca interrogar os discursos de AzMina – publicados no portal UOL durante o período das Olimpíadas, realizadas de 5 a 21 de agosto de 2016, no Rio de Janeiro – e sua possibilidade de resistência no interior de um dispositivo midiático (que, como se verá, erige-se sobre enunciados de virilidade e de heterossexualidade) e a partir de discursos sexuais pautados na incomensurabilidade entre homens e mulheres.

A escolha da Revista AzMina deve-se, inicialmente, pela complexidade de relações estabelecidas entre discursos supostamente antagônicos – o do portal UOL e o de um site “ alternativo e feminista ”. Além disso, ressalta-se o fato de a Revista AzMina ter conseguido um lugar discursivo – para Foucault (2013), o discurso é, afinal, aquilo pelo que se luta – importante dentro de um dos principais portais de notícias do país. Por fim, AzMina produz seus discursos segundo a ordem da polivalência tática, ora assimilando os discursos dos feminismos e dos debates atuais sobre o gênero, ora retomando certo fundacionalismo biológico que parecem negar.

A fim de encetar nosso debate, na primeira parte deste artigo constarão algumas reflexões teóricas sobre discurso, enunciado e dispositivo. Em seguida, apresentaremos algumas discussões sobre gênero e feminismo. A última parte será composta pela análise dos discursos publicados na coluna da Revista AzMina no site UOL, durante os Jogos Olímpicos de 2016, e suas intersecções com os outros discursos produzidos pelas mídias, durante as Olimpíadas, sobre as mulheres.

2 SOBRE OS DISCURSOS E AS FORMAÇÕES DISCURSIVAS

Para pretender uma análise de discursos sobre o feminino e o esporte em um determinado momento, é necessário lançar mão de alguns conceitos que auxiliem a determinar o que é discurso, enunciado e dispositivo e, também, relacioná-los com outros que ajudem a compreender as relações que os perpassam.

Neste sentido, cabe, de início, trazer à tona algumas discussões de Michel Foucault, iniciando com a *Arqueologia do Saber*. Arqueologia, no seu sentido estrito, é uma ciência que estuda a história e culturas de uma sociedade através de monumentos, documentos e objetos encontrados em escavações. Na *Arqueologia* de Foucault, no entanto, os documentos – no caso do tema deste trabalho, os discursos produzidos sobre a mulher – não aparecem como resultado de uma *arché* a ser escavada, em busca de origens. São práticas discursivas que ganham novos sentidos quando atravessados por outros discursos e relações de força. Como monumentos (Foucault, como se sabe, faz uma crítica ao documento estático), são

práticas históricas e determinadas que, no entanto, apresentam certas regularidades, de acordo com os jogos em que se inserem. Dessa perspectiva, a crítica do documento (tornado monumento) vale-se de alguns conceitos, como o de discurso e o de formação discursiva. Segundo Foucault (2008, p.131-132),

Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência.

A descrição dos enunciados e dos discursos, nessa perspectiva, busca desprender-se da ideia tradicional que seria a de como se analisar o que foi dito por um autor, por um livro ou por uma obra – as unidades sob suspeita desde a introdução da *Arqueologia* em sua relação com a história tradicional e o sujeito transcendental. Os enunciados não aparecem mais cristalizados, são vistos tanto na dispersão dos acontecimentos históricos quanto a partir de sua materialização e possibilidade de repetição. Para Foucault (2008), tais enunciados se diferenciam das frases, das proposições e dos atos de fala, justamente porque não operam segundo regras de um sistema, não se esgotam nos limites sentenciais ou lógicos e não se sustentam segundo a ordem de um sujeito cartesiano. Diferente de uma análise da língua, a análise desses enunciados e desses discursos não pretende, portanto, verificar por quais regras se pode construir novos enunciados, mas investigar a raridade dos enunciados, ou seja, o que tornou possível o acontecimento de um enunciado e não outro, numa espécie de teoria geral das relações.

Os conceitos de enunciado e de discurso, por sua vez, estão relacionados ao conceito de formação discursiva: “[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2008, p. 133)

Para tratar da questão da produção da mulher no esporte durante a Olimpíada, objeto deste trabalho, nosso gesto analítico parte da hipótese de existência de duas formações discursivas. Assim, a mulher aparece, primeiramente, relacionada a discursos da família, na qual ocupa o espaço da cuidadora, da gestora do lar, da responsável pela criação dos filhos – o que poderíamos entender segundo uma *FD Familiar-Conjugal*, próxima dos deslocamentos que o próprio Foucault sugeria no dispositivo sexual a partir do século XIX: uma preocupação com as crianças, um

cuidado com os prazeres femininos, uma preocupação biopolítica acerca dos nascimentos e da vida (FOUCAULT, 2009)⁴.

Além disso, uma série de discursos regulares sobre a relação entre a mulher, os discursos de feminilidade, o corpo, o cuidado e a estética aparecem e repetem-se (como veremos nas análises). Neste caso, a possibilidade é pensar que a regulação de um objeto (o corpo feminino), de uma série de conceitos (beleza, juventude, feminilidade) e de estratégias específicas (estabelecer uma diferença entre esportes masculinos e femininos e um lugar limitado para os segundos) opera na forma de uma *FD Estetizante*. É essa FD que determina como a mulher deve apresentar-se fisicamente, segundo certo padrão de corpo (magro, alto, cabelos lisos, sem pelos, maquiagem impecável) e ainda uma FD que a constrói como um ser frágil, sem força física, que deve ser ajudado, protegido – e relaciona-se diretamente aos discursos da *FD Familiar-Conjugal*. Essas FDs remetem sobretudo, como afirmado, à série de discursos que aparece naquilo que Foucault (2009) apresentou como a *histerização do corpo da mulher*, uma das estratégias fundamentais do dispositivo da sexualidade.

Dessa perspectiva de produção da subjetividade da mulher, de certa posição de sujeito, Ana Maria Colling (2015, p. 180) afirma que há uma forte relação com o corpo no dispositivo sexual: “Nosso corpo tem muito pouco de nós mesmas. Ele é simplesmente um resultado de discursos e de práticas. Ele é, portanto, um efeito histórico”. Assim, para que tenhamos uma percepção sobre a mulheridade, que aparece entre discursos no interior das FDs anteriormente elencadas, podemos destacar a centralidade do discurso médico, que dentro de uma relação de saber-poder, contribuiu bastante para a construção de um “sujeito feminino” com características peculiares, que seria fruto de um “defeito” inerente à sua natureza – usando explicações acerca da anatomia do corpo da mulher, a supremacia do masculino aparece como uma possibilidade de verdade. Desde os estudos mais antigos da área da Medicina, esse corpo “problemático” das mulheres seria a razão para que elas aceitassem a submissão ao homem e se colocassem em uma posição inferiorizada que, ainda hoje: “O pensamento médico, em nome de um determinismo natural, confina a feminilidade em uma esfera que a ordem social lhe destina: a mulher sã e feliz é a mãe de família, guardiã das virtudes dos valores eternos. (COLLING, 2015, p. 193-194)

Na esteira de Colling (2015), retomemos as estratégias de *histerização do corpo da mulher* do dispositivo sexual, conforme definido por Foucault (2009). A partir do século XIX, no Ocidente, elas aparecem como uma maneira de patologizar uma natureza feminina e criar aparatos que possibilitassem que a mulher pudesse

⁴ Por biopolítica entendemos, com Foucault (2009), a relação entre as disciplinas individualizantes e as regulamentações gerais que, a partir do século XIX, tornaram possível engendrar saberes e poderes que incidem sobre o corpo dos sujeitos e o corpo das populações. Entre o indivíduo e a espécie, a biopolítica surgirá a reboque de estratégias que se voltam para a população, em que a vida tem lugar central.

cumprir com seu papel funcional no corpo social (gerar filhos, cuidar da família, educar e ser responsável pelas crianças). Para torná-la capaz, seria, portanto, necessário criar dispositivos médicos, educativos e familiares que dessem conta de contê-la e prepará-la para tais tarefas. Nesse viés, podemos dizer que os dispositivos aparecem como estratégias de poder entre os discursos e o campo das estratégias políticas. Estes dispositivos medeiam a relação dos indivíduos com o mundo e criam formas de subjetividade. No caso da pesquisa aqui apresentada, poderíamos pensar que é a mulher justamente uma dessas formas típicas do dispositivo sexual, uma das figuras apontadas por Foucault sobre a qual o poder deve falar e de quem deve exigir que se fale e que se produza normalização.

É importante, ainda nesta seção, fazer um parêntese nessas reflexões e pontuar as estratégias que aparecem com as novas modalidades textuais da internet, justamente porque nossa análise se voltará a textos de opinião veiculados em um *site* da internet. O ambiente virtual criou novas possibilidades de arquivamento e de interação entre os discursos que disponibiliza. Mesmo sem querer, o sujeito inscreve sua passagem por um discurso (nem que seja no rastro deixado pelo IP) e é, ao mesmo tempo, atingido por ele. Buscadores *on-line* permitem que se tenha contato com uma infinidade de produções até que se chegue naquela que pretendíamos ver. Cresce o campo, portanto, do arquivável, e isso traz aos sujeitos novas possibilidades de identificação e de resistência (MAINGUENEAU, 2015).

A fim de descrever, em termos gerais, os discursos desse feminismo e sua resistência diante da heteronormatividade, a próxima seção apresentará algumas reflexões sobre a teoria feminista e os conceitos de gênero dos quais partimos.

3 SOBRE GÊNERO E FEMINISMOS

Como já visto, tanto pelas ideias de Foucault sobre a *histerização do corpo da mulher* em *A História da Sexualidade* como pelas Formações Discursivas que buscam determinar o comportamento esperado das mulheres (os discursos que as subjetivam), as questões que levam a mulher a ser inferiorizada trazem, ainda, a ideia de um “sexo frágil”. O corpo da mulher, seu aspecto biológico, seria, assim, “defeituoso”, impedindo-a de exercer determinadas funções ou de demonstrar determinados comportamentos na sociedade. Conforme Linda Nicholson (1999), o corpo era, até o século XVIII, tido como a fonte do binarismo que colocava as mulheres como inferiores aos homens em diversos níveis. Sendo assim, referir-se ao sexo “tinha fortes conotações biológicas”. Foi, portanto, a partir desse ponto que o termo “gênero” passou a ter importância dentro das mais diversas formas de se pensar homens e mulheres dentro da sociedade. Nicholson descreve duas formas de uso do termo “gênero” no artigo *Interpretando o gênero*:

De um lado, o “gênero” foi desenvolvido e é sempre usado em oposição a “sexo”, para descrever o que é socialmente construído, em oposição ao que é biologicamente dado. [...] De outro lado, “gênero” tem sido cada vez mais usado como referência a qualquer construção social que tenha a ver com a distinção masculino/feminino, incluindo as construções que separam corpos “femininos” de corpos “masculinos”. Esse último uso apareceu quando muitos perceberam que a sociedade forma não só a personalidade e o comportamento, mas também as maneiras como o corpo aparece. (NICHOLSON, 1999, p.1)

Para ela, embora o segundo sentido seja aquele que predomina nos discursos ditos feministas, não é possível ignorar que o “sexo”, nas teorias feministas, ainda “permanece como aquilo que fica de fora da cultura e da história, sempre a enquadrar a diferença masculino/feminino” (NICHOLSON, 1999, p. 2). Destarte, para falar de mulheres e de sua aparição nos discursos do esporte, ambos os sentidos dados pela autora para “gênero” devem ser considerados, de acordo com as estratégias enunciativas que tentaremos analisar.

Próxima à concepção de Nicholson está a de Scott (1995, p. 85), que afirma, sobre o papel político dos debates sobre gênero: “[...] faz parte da tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre mulheres e homens”. Vemos que o conceito de gênero de Scott (1995, p. 85) repousa na conexão entre as seguintes proposições: “(1) o gênero é constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”.

A partir do papel conceitual do gênero, voltemo-nos à Olimpíada de 2016. Supostamente, o evento não só foi aquele em que a participação das mulheres atingiu um número recorde se comparada a outras edições (cerca de 45% do total de atletas, segundo informações do Comitê Olímpico Internacional - COI), como foi a edição em que mais atletas e técnicos se assumiram como gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros ou transexuais - um total de 64 pessoas - ocorrendo, inclusive, um pedido de casamento de uma voluntária do evento, Marjorie Enya, à sua namorada, a jogadora da seleção brasileira de rúgbi Isadora Cerullo, durante a premiação da seleção Australiana, equipe campeã na competição desse esporte.

Outro ponto que destacou os discursos de inclusão de gênero foi a aprovação, em janeiro de 2016, para que atletas transgêneros pudessem, já no Rio, disputar as competições sem a obrigatoriedade de cirurgia para mudança de sexo (ZUCCHI, 2017). O evento no Brasil também foi o primeiro com uma Equipe Olímpica de Atletas Refugiados, participação essa que foi um dos pontos altos da cerimônia de

abertura. O esforço positivo de colocar o gênero em discurso foi ainda adensado, também nessa cerimônia, quando a modelo que abriu os caminhos para a passagem da delegação brasileira foi a transexual Lea T., representando cinco transexuais que estavam trabalhando como voluntários no evento⁵. Esses acontecimentos discursivos, bem como os enunciados que chamavam a atenção para o protagonismo de muitas mulheres em diversos esportes, fizeram com que a Olimpíada do Rio de Janeiro aparecesse como a “Olimpíada da Diversidade”. Em matéria de 16 de agosto de 2016, o Estadão proclama em sua manchete: *Olimpíada do Rio se consolida como os ‘Jogos da diversidade’* (BRASIL, 2016) para, então, colocar em xeque a situação dos atletas homossexuais em seus respectivos países.

É importante, no entanto, ter em mente que o nome “Olimpíada da Diversidade” foi um termo cunhado pelas mídias e, portanto, devemos observar o caráter de enunciado dentro do dispositivo da sexualidade atual. A cada novo momento em que fatos como os citados anteriormente ganhavam notabilidade, esse discurso se fortalecia a tal ponto de as entidades oficiais apropriarem-se dele. Embora já tivesse metas inclusivas, o COI passou a endossar esse discurso da Olimpíada do Rio como um marco da diversidade, e o Governo Federal, apoiado nisso, lançou antes das Paralimpíadas a cartilha “Olimpíadas da Diversidade, Direitos Humanos e Sem Discriminação” para ser distribuída no evento (BRASIL, 2016).

Mesmo com alguns avanços, para consolidar esse ideal de respeito às diversidades, para Camargo (2016), o que foi feito ainda é pouco, mas pode abrir espaço para futuras mudanças. Nesse espaço de luta discursiva, os discursos da mídia produziram o Rio como uma espécie de “marco da diversidade”, de forma polivalente – como gostaria Foucault (2009) – mantiveram os enunciados de estigmatização das mulheres e dos sujeitos não-heteronormativos. Partindo deste panorama, gostaríamos de fazer uma relação fundamental entre os discursos midiáticos (e sua positividade), as estratégias de poder-saber e a produção de gêneros e sexualidades. Seguimos com Teresa de Lauretis (1989), para quem a produção de gênero se dá por meio das tecnologias de gênero, como o cinema ou as mídias jornalísticas, sobre as quais nos debruçaremos. Essas tecnologias de gênero, segundo a autora, funcionam de acordo com discursos hegemônicos heterossexistas e se distribuem em práticas micropolíticas tanto de controle quanto de resistências.

Trazendo esse conceito de construção de gênero da autora, alinhado ao de dispositivo da sexualidade de Foucault, podemos talvez pensar na mídia esportiva como uma tecnologia de gênero (e, portanto, de produção estratégica de discursos e práticas) que produzem normalização e criam tipos determinados de mulheres: quase sempre de sujeitos em segundo plano nessa área ou passíveis de objetificação, que os discursos do *corpus* que veremos nas análises pretendem

⁵ É interessante notar que houve uma celeuma jornalística quanto à Lea T., que não teria sido filmada com destaque na transmissão televisiva.

deslocar da marginalidade para a centralidade discursiva. A estes discursos, se oporiam outros que, na forma da resistência, responderiam segundo a égide dos feminismos. Sua tática seria a produção de outras modalidades de dizer sobre as mulheres e sobre as sexualidades “da diversidade”.

Tais discursos, autointitulados feministas, que veremos nas colunas publicadas pelo portal UOL, tornam necessário trazer aqui algumas distinções a respeito do que são os feminismos teóricos e acadêmicos. O fato de existirem, hoje, diversos meios de se conseguir acesso aos debates sobre as mulheres e os gêneros, em especial a forma como muitas páginas em redes sociais e outros meios cibernéticos, como *blogs* e *sites*, mostram como estas mídias, sob a égide das tecnologias de gênero, apropriaram-se e difundem os conceitos dessas vertentes também merece alguma interrogação. Afinal, o que faz o feminismo ser um discurso raro e que ganha cada vez mais relevância social? Interessa, especialmente, tratar desse aparecimento desde a segunda fase do movimento feminista (anos 1980) e sua repercussão no Brasil até os dias atuais. Margareth Rago (1998, p. 2) afirma que: “Ao menos no Brasil, é visível que não há nem clarezas, nem certezas em relação a uma teoria feminista do conhecimento”.

Mas o que é, afinal, o feminismo? Popularmente, a ideia de feminismo que mais ouvimos é aquela que apregoa a equidade de direitos entre mulheres e homens em todas as esferas da sociedade. Essa ideia, inicialmente clamada pelo movimento sufragista e pela luta de trabalhadoras por melhores condições para exercerem as suas atividades no século XIX, hoje ampliou-se para a busca de uma igualdade que perpassasse também as áreas familiares, políticas, acadêmicas etc. De modo genérico, o feminismo pode ser tomado, então, como uma prática política que “[...] já nasce como uma arena, lugar para onde confluem diversos discursos vindos de muitos lugares, cena aberta de disputa e negociação de poder [...]” (SCHMIDT, 2004, p.17).

E por que falar em feminismos, no plural? Joan Scott nos fala de uma necessidade de abandono do fundacionalismo e determinismo biológico, ideias que colocam no “sexo” a principal diferença dada às mulheres em relação aos homens, defendidas pelas precursoras, as feministas mais radicais. Schmidt (2004, p. 18) aponta que a instituição do “gênero” ao mesmo tempo em que reivindica um espaço importante na tentativa de explicar a persistência nas desigualdades entre elas e eles. O feminismo, portanto, passa a ser palco também de outras pautas, como a inclusão dos recortes de classe social e de raça, ou seja, embora possuidoras do mesmo “sexo”, as experiências vividas por mulheres de raças e de classes sociais diferentes são bastante distintas e devem ser consideradas, marcando, portanto, vertentes diferenciadas no feminismo – os diversos feminismos e suas diversas estratégias – com urgências específicas de cada condição.

Isto posto, a seção seguinte pretende analisar os discursos de AzMina, trazendo à tona a polivalência que envolve os discursos dos feminismos e o problema do gênero na mídia e nas novas tecnologias on-line.

4 SOBRE A MÍDIA E AS MULHERES NA RIO 2016

Analisar os discursos sobre a mulher que se materializam na imprensa demanda pensar sobre uma diferença fundamental na distribuição do poder. Veloso (2014, p. 408) aponta que “Um dos problemas centrais da relação mulher e mídia emerge da necessidade de evidenciar as dimensões da discriminação e da opressão que permeia o diálogo delas com os meios de comunicação.”. Segundo Veloso, essas dimensões parecem não só advirem de um modo de fazer e difundir notícias, como refletem os modos de ser e agir em um setor no qual os sujeitos ainda são em sua maioria pessoa gênero masculino e da classe social que detém o poder sobre os meios de comunicação – em geral, retomando discursos e estratégias de uma suposta elite alinhada aos enunciados patriarcais. Entender o funcionamento do papel social desses grupos midiáticos para a construção de bens simbólicos para essas corporações passa, necessariamente, pelo entendimento dessas articulações e permanências.

A autora aponta, também, que no caso do funcionamento desses grupos no Brasil é essencial pensar de que maneira se pode buscar dar voz às mulheres nos conteúdos produzidos quando tais grupos, restritos, são controlados por parlamentares, empresas e religiosos, quase sem nenhuma legislação ou com desrespeito a ela. O modo diferente de tratar mulheres incide tanto sobre as profissionais dentro do jornalismo – figuras, em geral, menos prestigiadas que os jornalistas homens, salvo raras exceções (basta vermos o número de repórteres, âncoras, colunistas, tanto nas mídias impressas quanto televisivas e on-line para verificarmos o número expressivamente maior de homens do que de mulheres nessas posições) – quanto pelas modalidades pelas quais as mulheres são “noticiadas”.

Todavia, algumas autoras têm notado que, na chamada “Era Digital”, começa uma reorganização que permite não só um novo tipo de comunicação como também de organização social e de visibilidade a novos movimentos. Rodrigues (2016, p. 82), ao discutir a possibilidade de luta discursiva feminista nessa nova configuração, mostra que a inserção dos temas relacionados aos direitos das mulheres e aos feminismos, possibilitada pela internet a partir de intervenções de mulheres nos espaços públicos e simbólicos como não se via até então, parece indicar que podemos estar diante de uma nova fase do feminismo. Não raro, assuntos tratados em *blogs* e *sites*, como a Revista AzMina, objeto deste artigo, conseguem deslocar

os limites de seus ambientes virtuais e acabam invadindo outros âmbitos dos meios de comunicação tradicional com as pautas que levantam.

De todo modo, mesmo quando as mulheres usam os meios disponíveis para expressarem as violências sofridas e fazer novas reivindicações não ficam isentas de receberem em suas “redes” contrapartidas não amistosas de indivíduos ou grupos contrários às suas ideias. Isso demonstra o que Foucault (2009, p. 95) chama de *regra da polivalência tática dos discursos* pois revela um jogo complexo e instável em que os discursos ao mesmo tempo em que podem ser vistos como forma de obtenção de poder, articulam-se, por outro lado, como pontos de resistência. Rodrigues (2016, p. 82) alerta para o fato de que “Também é preciso refletir o modo como essas pautas de cunho feminista têm sido abordadas pela mídia – ainda de maneira limitada e com preconceitos, difundindo a ideia de que as mulheres já conquistaram tudo o que tinham que conquistar”.

Passemos, então, ao nosso objeto, observando as relações de submissão e de resistências que os textos de *AzMina* na Olimpíada têm lugar.

4.1 OS “CORPOS SENSUAIS”

AzMina se descreve como uma: “*instituição sem fins lucrativos cujo objetivo é usar a informação para combater os diversos tipos de violência que atingem mulheres brasileiras, considerando as diversidades de raça, classe e orientação sexual*”. A Revista *AzMina* é uma publicação on-line “*gratuita para mulheres de A a Z*”. Na aba “*Quem Somos*” ainda encontramos o seguinte sobre o material produzido e sobre quem os produz: “*Nela, há jornalismo investigativo acessível, de qualidade e sem rabo preso com anunciantes. Somos uma equipe diversa apaixonada por este projeto e dedicada a usar o jornalismo e a educação para ajudar a melhorar o mundo, principalmente para nós, mulheres!*”. O acesso se dá pelo endereço <http://azmina.com.br>. Na página, o visitante pode também optar por seguir o veículo nas redes sociais. No Facebook a revista possui quase 123.000 seguidores, no Twitter pouco mais de 5.300. A equipe, divulgada no site, conta apenas com um homem, um designer. As demais diretoras, colunistas, fotojornalistas, repórteres, entre outras funções, são todas mulheres. (AZMINA, 2017). Para manter-se funcionando, segundo a ONG, o processo é de *financiamento coletivo*. Além disso, os recursos partem do *AzMina* Educacional, setor em que são oferecidas palestras, cursos presenciais e *on-line*, oficinas e *workshops*.

O próprio nome da ONG, aliás, advoga a respeito de um deslocamento: a troca do “s” pelo “z” exige um rompimento com a norma – ortográfica, de gênero –, enquanto a expressão “mina”, retomada da cultura urbana (racializada e economicamente vulnerável) opera positivando o status negativo das enunciatóricas femininas. O discurso, portanto, exige que se observem os textos de *AzMina* pelo viés contestatório e por uma posição política marcada pela luta – pelos direitos e

pela visibilidade de certas mulheres, pela contestação da heteronormatividade compulsória e do androcentrismo e por outras pautas politicamente marcadas.

Em função da Olimpíada de 2016, dentro do espaço especial do UOL para a cobertura do evento, a revista possuiu uma coluna na qual foram publicados textos que abordaram os fatos acontecidos em razão dos Jogos por um olhar feminino/feminista. Foram identificadas 24 colunas publicadas nesse espaço específico do UOL, entre 31.05.2016 e 22.08.2016, grande parte delas focadas em demonstrar a persistência de discursos machistas relacionados às mulheres e ao esporte. É sobre estes textos que a análise será realizada.

Retomemos, para tanto, as duas formações discursivas que tomamos como hipótese de trabalho: uma conjugal-familiar, outra estetizante. São elas que guiarão (não unicamente, como se verá) as análises e que amparam as estratégias de comentário (cf. FOUCAULT, 2013) dos discursos de AzMina. Por estas FDs, observemos o que se chamou de “problema de representação” das mulheres desde a cerimônia de abertura do evento, levantado no artigo *O que o assalto de Gisele Bündchen nas olimpíadas revela sobre o Brasil*. A colunista questiona: “O que isso diz sobre os nossos padrões de beleza e como os impomos para milhões de mulheres que são, em sua maioria, morenas, mais encorpadas, baixas e, em 53,6% dos casos, se enxergam como pretas ou pardas?” (BAHIA, 2016b).

A escolha parece amparar-se no fato de Gisele ser uma das mais (senão a mais) importante *top model* que o país já “exportou”, porém, analisando pela visão da coluna, de fato parece que estamos diante de um reforço da *Formação Discursiva Estetizante*, cujo padrão de beleza é próximo dos traços europeus, os quais a representante “de todas as mulheres brasileiras” inegavelmente possui, mas deixa de fora uma maioria de brasileiras que não se veem, portanto, representadas.

O problema da “mulher bonita” é um enunciado-chave que AzMina coloca em xeque. Em outro artigo, *Exigência de beleza e uniformes curtos atrapalham as mulheres*, nos é trazida a seguinte informação que mostra que as atletas, além de precisarem demonstrar competência na prática de sua modalidade, são cobradas por outros atributos também (VICENTIN, 2016). O mesmo artigo comenta que, em 2012, ano em que pela primeira vez nas Olimpíadas todas as modalidades olímpicas seriam disputadas por ambos os sexos (sexo é o conceito utilizado) - com a inclusão do boxe feminino – a Federação Internacional desse esporte sugeriu que as atletas usassem saias no ringue e ainda “fez questão de ressaltar que, no mundo esportivo, o corpo das mulheres ainda é visto como atração”.

Em outro texto, *Atletas gordos da Rio-2016 nos fazem quebrar preconceitos de saúde e beleza*, a coluna repercute sobre alguns atletas, homens e mulheres, que desafiaram os padrões esperados em um evento Olímpico e também a ideia de que ser gordo e ser esportista não combinam. Embora exaltados aqui de forma similar, em outros veículos foi mostrada uma clara diferenciação entre o que é ser um atleta

gordo quando se é homem e quando se é mulher, não só para a mídia quanto para os torcedores. Enquanto para elas o peso acima do esperado era visto como desleixo, para eles disputar alguma prova nessas condições era visto como superação. Essa distinção ficou evidente pela diferenciação no tratamento dado à ginasta mexicana Alexa Moreno, que foi xingada nas redes, e o nadador etíope que os portais chamaram carinhosamente de “nadador gordinho” que “roubou a cena” e “ganhou a torcida” mesmo chegando em último, sendo muito aplaudido pelo público presente.

A *FD Estetizante*, portanto, enquanto mostra-se extremamente cruel para com as mulheres que almejam ganhar a vida através do esporte, uma vez que o sucesso delas não dependeria apenas de um bom desempenho em sua modalidade, é uma das condições de produção dos discursos de AzMina, cujo funcionamento se dá pela apropriação de enunciados do feminismo e de enunciados de resistência e “empoderamento”, na modalidade da memória. Ao comentar segundo uma estratégia feminista que AzMina ganha uma identidade discursiva e passa a autorar de acordo com uma posição de resistência midiática.

Note-se que, quando afirmo que a FD é uma das condições de produção, pretendemos apontar para o caráter relacional dos discursos. Assim, polivalentes, os enunciados da *FD Estetizante* apareceram fortemente durante as Olimpíadas e em outros momentos que as precederam. Tomemos um acontecimento de grande repercussão, que envolveu não só a *FD Estetizante* como a *FD Familiar-Conjugal*, o da atleta do salto ornamental Ingrid Oliveira. Em 2015, ela já tinha ganhado notoriedade após a publicação de uma foto em seu Instagram em que aparece sentada no trampolim, com o maiô de competição, apontando para um painel no qual estava o logotipo dos Jogos Pan-americanos de Toronto, competição na qual ela era esperança de medalha para o país. Porém, não foi seu desempenho que gerou uma sequência de comentários no aplicativo, mas sim o seu corpo. Segundo ela mesma declarou ao portal UOL (que, na época, também possuía um espaço específico para notícias sobre o Pan):

"O problema foi a chuva de comentário sem noção", espantou-se Ingrid. Ela conta que não esperava tamanha repercussão pela imagem. Principalmente porque não é a primeira vez que exhibe **seus atributos físicos** em seu perfil. Sua página é repleta de imagens de treinamentos, alongamentos ou saltos em competição sempre com traje de banho. **Muitos dos quais menores** que os da foto de Toronto. (BRITO, 2015, grifos nossos)

A autoria, retomando a polêmica, insiste em produzir a atleta segundo a ordem da exposição corporal, enfatizando os sentidos de “atributo”. É justamente segundo

essa ordem de corporalização que, em uma busca rápida pelo nome da atleta no Google, nota-se que as principais notícias que aparecem são relacionadas à sua beleza, seu status de “musa”, de mulher sensual – mobilizando a *FD Estetizante*. Outros, tratam de construir uma narrativa de seus namoros e traições – mobilizando, justamente, os enunciados da *FD Familiar-Conjugal* e produzindo a atleta segundo um discurso de sexualização a ser observado. Com relação ao que ocorreu especificamente na Olimpíada relaciona-se, além do nome dela, a palavra “polêmica”. Um jornal português chamado “A bola” exagerou o fato já em sua manchete: *Ingrid de Oliveira foi expulsa da Vila Olímpica por Maratona de Sexo* (EXTRA, 2016).

Interessa-nos os discursos que se produziram e estigmatizaram Ingrid como vaidosa em demasia, sexualizada em demasia e, por fim, perigosa – positivamente, a partir de um excesso de sua feminilidade. É a partir deles que AzMina retoma o caso em *Ingrid de Oliveira, atleta dos saltos ornamentais, faz sexo - e sua mãe também*:

O mundo a acusou de botar os instintos antes do esporte. Ela, que já tinha virado notícia meses atrás quando os internautas consideraram que sua bunda era ornamental. Mais uma vez, a modalidade à qual ela se dedica virou coadjuvante.

O que estamos dizendo sobre nós quando transformamos a transa de uma mulher em notícia? [...] Vou estragar a festa dessa gente: para cada pessoa que está viva hoje, outras duas fizeram sexo. Metade era mulher, e se você está vivo para ler esse texto, sinto informar, mas isso **inclui a sua mãe**. (BAHIA, 2016a, grifos nossos)

Ao comparar a atleta com a mãe do leitor e traçar a relação de que o sexo é algo natural e comum a todas as mulheres (inclusive às mães de cada um), a coluna consegue mobilizar e deslocar a *FD Familiar-Conjugal*, na qual a mulher e o seu sexo possuem papéis específicos em que o prazer e o direito ao próprio corpo não entram. O controle e a exposição da sexualidade da atleta a tornaram alvo de crítica por sua conduta e a responsabilizaram pelo rendimento abaixo do esperado na disputa do salto, quase a enquadrando como uma “devassa” que “não consegue controlar seus instintos”. É justamente contra a moralização do corpo feminino conjugal-familiar que se volta AzMina.

Cabe ainda dizer que o uso recorrente dos enunciados “dos instintos” – retomando, ainda no século XXI, a histerização do corpo feminino apontada por Foucault - é uma tática comum usada pelos discursos da imprensa. Monique Prada, ativista feminista e prostituta, definiu o termo em *Prostituição e feminismo podem se*

aliar nestas olimpíadas, publicado na coluna em AzMina e no qual a autora critica o discurso do feminismo radical que, segundo ela, demonstra uma intolerância próxima à da Bancada Evangélica ao não aceitar a existência de profissionais do sexo que se colocam enquanto sujeitos como feministas, apontando para uma suposta incoerência entre as duas condições. Ao dizer que uma mulher recebe o estigma de puta “apenas por existir”, enuncia uma generalização que é evocada quando uma mulher “sai da linha” do que apregoam os discursos machistas. AzMina, então, se vale do caráter disjuntivo da “puta” e o relaciona diretamente a uma presença feminina que carregaria, de antemão, um potencial político-progressista.

Passemos a outro recorte, qual seja, o comportamento da mídia com relação à Seleção Feminina de Futebol durante os Jogos, especialmente pelas comparações feitas entre as equipes feminina e masculina nas primeiras fases das disputas, com clara vantagem para elas em um primeiro momento, pois demonstraram resultados melhores do que eles, com vitórias incontestáveis, enquanto os “meninos” (em alusão à forma infantilizada como as jogadoras eram tratadas na mídia, sempre chamadas de “nossas meninas”) sofreram para se classificarem para as próximas etapas. Assim, ao exaltar a prática “delas” para – e, ao que parece, apenas para – colocar em xeque a “deles”, é demonstrado que o “show de bola” era uma condição que se esperava dos homens, e não das mulheres; afinal, para além dos altos salários e grandes patrocínios que eles, os jogadores, recebem, enquanto elas jogam com quase nenhum incentivo, esse lugar sempre foi (e é ainda) um espaço do masculino e de identificação nacional.

Novamente, vê-se a posição de confronto de AzMina. *Abertura do futebol expõe machismo do comentário: “jogo de mulher é feio”* é um artigo em que a diretora executiva da revista, Nana Queiroz, comenta o que viu nas redes sociais quando da estreia das mulheres nos Jogos:

Na quarta, logo após o show de estreia do futebol feminino nas Olimpíadas, uma cara que sigo no Twitter comentou: "Eu não sou machista. Pelo contrário. Mas acho futebol feminino ruim. Não tenho nada contra mulher comentar futebol (isso sim seria machismo)". Hoje, depois de ver esse joguinho sem sal da seleção masculina, me peguei pensando na fala desse colega. E, pra mim, a comparação dos dois jogos foi a melhor resposta que os adeptos dessa opinião podiam ter. Mulherada ganhou de lavada da China, uma potência Olímpica. Os homens, sofreram contra África do Sul, um time que nem sequer arrepia. Saíram de campo vaiados. (QUEIROZ, 2016a)

Percebe-se que mesmo autora tem dificuldades para desatrelar o seu discurso dito feminista do discurso machista ao fazer a comparação, uma vez que seus

argumentos acabam revelando o ineditismo do fato de as mulheres terem se saído, enfim, melhores que os homens nesse esporte. Aqui, podemos pensar na polivalência tática dos discursos, quando um mesmo discurso pode funcionar a partir de diferentes estratégias (FOUCAULT, 2009): a autora se vale daquilo que antes definimos, com Nicholson (2000), de fundacionalismo biológico: há uma categoria sexual feminina incomensurável em relação ao homem. Portanto, é sobre esta diferença que o discurso político de posituação desse feminismo das redes deve operar, trazendo à tona debates que possam mobilizar uma audiência de mulheres cada vez mais atenta aos enunciados de empoderamento. Ora, neste caso, o empoderamento, ao mesmo tempo, aponta para a retomada da memória da incomensurabilidade que, ao que parece, os textos de AzMina colocam em xeque constantemente.

4.2 O SEXO E AS DIFERENÇAS POLIVALENTES

Nessa tensão entre o fundacionalismo biológico e o esforço de politização do debate, aparecem os discursos de protagonismo das mulheres nos Jogos Olímpicos, como vimos antes. AzMina recorre ao enunciado da igualdade para sustentar sua estratégia crítica. Em *O suor feminino vale menos – lei não protege atletas de preconceito salarial*, informa sobre a discrepância de ganhos financeiros entre atletas segundo seu gênero. A temática remete a uma pauta importante dos discursos feministas, que é a busca pela equidade salarial entre os gêneros – pauta típica do feminismo acadêmico e militante que antes descrevemos. AzMina assume a postura combativa em outros textos, como em *Por que não há uma única mulher entre os 39 atletas mais bem pagos do mundo*, em que coloca isso em questão:

Como o tênis resolveu a questão do machismo da audiência e conseguiu, assim, colocar as únicas duas mulheres da lista? Vendendo ingressos de maneira atrelada, explica Renata. Ou seja, quer ver Rafael Nadal? Leva no pacote uma disputa da Serena. Os prêmios também têm valores idênticos.

Lemos que na lista de 100 atletas, a primeira mulher a aparecer é, justamente, Serena Williams, na 40ª posição, e a próxima é a também tenista Maria Sharapova somente na 88ª posição. Aqui, porém, mais uma vez a resistência dos discursos de AzMina aparece obedecendo a estratégias de assimilação: o artigo não aposta num discurso de “parceria” com os homens e numa urgência de obtenção de êxitos, diríamos, midiáticos. A prevalência masculina não é discutida e não se aponta uma alternativa a essa “fórmula de igualdade” dos campeonatos de tênis, aceitando de maneira implícita uma prevalência masculina em certas áreas.

Entretanto, tal narrativa novamente desloca-se, criticamente, quando AzMina retoma a Ginástica Artística. Aqui, as mulheres são, sem dúvidas, as protagonistas. Ao menos, parecem receber uma maior atenção das mídias, mas é necessário discutir as razões desse protagonismo. Novamente, nos vemos diante de uma *FD Estetizante* – que é preciso combater. O esforço característico dessa modalidade, que exige muita força, equilíbrio e (para elas, apenas) graça e elegância, molda corpos singulares. A baixa estatura contrasta com uma musculatura altamente trabalhada. Os homens, também muito fortes, praticam alguns aparelhos diferentes dos delas. Para eles, a força e o vigor. Para elas, a harmonia do gesto e os passos de *ballet*.

Por que a ginástica é artística só para as mulheres questiona essa diferenciação pois “[...] foi impossível não notar que a apresentação feminina do solo é guiada por música, com passinhos e carão na coreografia, enquanto a masculina não tem som algum e fica restrita às acrobacias”. Diferentemente do que acontecia em outros textos, a polivalência presente em AzMina agora se volta contra uma sexualidade categorizante e biológica, segundo a ordem dos enunciados de crítica ao sexismo:

Sabemos que pelo menos no caso da ginástica artística, nado sincronizado e ginástica rítmica, **a questão vai bem além das possíveis diferenças biológicas** entre os corpos masculinos e femininos: **as regras são claramente sexistas**. Elas partem do princípio de que as mulheres são mais dadas à beleza, ao artístico, ao carisma, enquanto os homens ficam com a técnica. O treinador Osmar Fagundes Oliveira Jr., de Guarulhos, que treinou Rebeca Andrade antes de entrar para a seleção, explica que “a ginástica masculina tem a ver com o treino para a guerra, enquanto a feminina foca mais no artístico”. (BERTHO, 2016, grifos nossos)

Atentemos para o funcionamento dos dois enunciados, porém: “vai bem além das possíveis diferenças biológicas” e “claramente sexistas”. O funcionamento discursivo do texto de AzMina evoca discursos díspares: por um lado, pressupõe as diferenças biológicas como uma espécie de dado natural; por outro, assimila o discurso acadêmico de gênero, apontando para o sexismo. Porém, deslocada, a tática de manutenção da diferença sexual acaba por colocar em xeque a força da própria crítica à imprensa heteronormativa, baseada na incomensurabilidade dos gêneros e nos enunciados naturalizantes – que, como se viu, AzMina colocam em suspenso. Ao comentar, nos moldes de Foucault, os discursos da imprensa que considera machista, os textos de AzMina acabam por exigir o retorno de uma essência feminina que tentavam “denunciar”.

Por fim, quando se fala em discursos dos esportes e mulheres, cabe notar a proliferação de enunciados de objetificação: dos corpos das mulheres pela audiência e por quem produz conteúdo nas mídias; da crítica a esses corpos, segundo a ordem do feminismo das redes. Frequentemente, listas de musas circulam nos ambientes (virtuais ou não) e para além de dar visibilidade estigmatizada às mulheres – colocando-as em uma perversa relação com seu próprio corpo, pois, como mostrado, “estar em forma” é uma cobrança permanente mesmo quando o destaque deveria ser para uma vitória em sua categoria –, a objetificação é mais uma das arenas em que se encenam lutas discursivas de AzMina.

E mulheres falando de musos das Olimpíadas, pode? é um dos artigos que problematiza essa questão, mas agora devido às reações nas redes sociais à aparição de “belos homens” nas nossas televisões e jornais. Aqui, reaparece o caráter polivalente da estratégia argumentativa:

Do lutador de taekwondo de corpo besuntado de Tonga, Pita Taukatofua, passando pela seleção australiana de barbas ruivas e o sorriso matador de Shani Davis, do time de patinação dos EUA, as mulheres - até as mais feministas - foram à polvorosa nas redes sociais na noite de sexta-feira (05). Era muita beleza e muita diversidade nesta abertura da Rio-2016! Mas, se por um lado afirmar que mulheres também têm desejos é um gesto de libertação contra padrões machistas, por outro, **não seria uma contradição com a oposição à objetificação sexual das atletas mulheres?** (QUEIROZ, 2016c, grifos nossos)

O artigo afirma que há diferenças, segundo a autora e a entrevistada, na forma como acontece essa exaltação da beleza quando parte das mulheres em relação aos homens. Porém, a ambiguidade do posto aparece: retoma-se o problema da objetificação, mas generaliza-se um binarismo entre homens e mulheres, antes contestado. Ademais, recorre-se a memórias de um desejo menos agressivo, supostamente típico da uma identidade feminina e não agressiva diametralmente oposta à masculinidade. Polivalente, ainda, este discurso contra a objetificação exige a contradição: afirmar que a *FD Estetizante* é mais cruel com elas, pois, na intenção do “elogio” estaria causando um dano à sua condição de sportista, é negar que também existe uma *FD Estetizante* que atua sobre os corpos masculinos, que faz com que uns sejam mais atraentes do que outros, portanto, dignos de serem exaltados nas redes por elas como “espécimes” acima do normal.

Aparentemente, o discurso de resistência radical recai, em alguns momentos, no binarismo que tenta combater. Assim, a apropriação dos discursos de gênero (sobretudo acadêmicos) pela memória enunciativa de AzMina resvala, tangencialmente, numa espécie de “crise de identidade”. Ao mesmo tempo em que

usa a concepção de gênero como uma construção social, ampara-se no discurso da incomensurabilidade tanto para tentar resistir quanto para tentar exercer algum poder. Nesta esteira, aparecem enunciados como os de *Como a medicina transformou menstruação e gravidez em vantagem para atletas* (QUEIROZ, 2016b), que “mostra” como a medicina esportiva tem avançado e transformado o que eram desvantagens para as mulheres (como menstruação e gravidez) em aliadas. Mais uma vez, a biologia entra como um fator que, neste caso, positiva tais tabus e coloca as mulheres à frente dos homens.

Neste jogo discursivo, luta pela tomada discursiva de corpos e subjetividades que ainda não se colocaram de modo igualitário numa ordem do discurso masculina, notamos que as estratégias polivalentes, não obstante a retomada de certas memórias, permanecem como espaço de distensão. No caso de AzMina, muitas vezes as táticas acabam deslocando e resistindo, produzindo novos efeitos e novas possibilidades de leitura para a relação entre as mulheres e discurso dos esportes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em tempos em que a comunicação é mais dinâmica e interativa, e a possibilidade de ocupar espaços de resistência apresenta-se para qualquer pessoa que disponha de algum acesso às redes. Os discursos feministas, embora não sejam recentes, encontraram no ambiente virtual condições para exercer uma militância e disseminar os estudos sobre gênero.

A Olimpíada do Rio de Janeiro, em 2016, e a cobertura jornalística feita por diversas mídias sobre esse evento chamaram a atenção pela forma desigual de tratamento dado às atletas mulheres em relação aos homens. O espaço do jornalismo – assim como o meio esportivo – é majoritariamente masculino, e isso reflete nessas matérias que são tomadas como “machistas” ou “sexistas”. As mulheres, por sua vez, retomam esses enunciados para sobrepor a eles uma visão formada a partir de discursos feministas, de equidade e de empoderamento.

A análise dos artigos publicados pela revista AzMina revelou que a mídia tradicional mobiliza as formações discursivas estetizantes e familiar-conjugal para situar as mulheres que praticam esportes profissionalmente em padrões patriarcalistas. São a estes discursos que as autoras, segundo diferentes estratégias, resistem. Na produção de resistência, notamos, no entanto, que ao mesmo tempo em que refutam a incomensurabilidade e os discursos biologizantes, trazem-nos à tona, sobretudo quando estes ajudam a positivar as mulheres – portanto, ainda num intrincado jogo enunciativo e polivalente.

Essa ambiguidade presente em alguns dos textos de AzMina, porém, não deslegitima sua voz e sua posição. Apenas alerta para uma necessidade de uma ampliação dos estudos nas áreas de gênero e feminismos e de mídia e gênero, a fim de que se chegue a uma discursividade apoiada não mais na diferença biológica entre homens e mulheres, mas que se ampare na produção de gênero como uma construção social que carece de mudanças para que as mulheres – esportistas ou não – sejam tratadas de forma menos estigmatizada em nossa sociedade.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze the discourses produced on women athletes during the Rio 2016 Olympics Games, materialized in the AzMina Magazine column, in the UOL portal, during the event period. From the discussions of Foucaultian archeogynology and some reflections on the concept of genres and feminisms, we note that AzMina's discursive strategies are polyvalent, bringing to the surface a discursive struggle in which resistances appear related to the resumption of discursive memories about women. We conclude that the magazine, despite its limits, undertakes an important shift in the face of the heteronormative and androcentric discourse that, even today, produces the statements about women and sports in the journalistic media.

KEYWORDS: Discourse analysis. Media. Rio 2016 Olympic Games. Feminism. AzMina.

REFERÊNCIAS

- AZMINA. (2017). **Revista AzMINA**. Disponível em: <<http://azmina.com.br/>>. Acesso em: 29 maio 2017.
- BAHIA, Letícia. (2016a). **Ingrid Oliveira, atleta dos saltos ornamentais, faz sexo - e sua mãe também.** 2016a. Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/colunas/azmina/2016/08/13/ingrid-oliveira-atleta-dos-saltos-ornamentais-faz-sexo---e-sua-mae-tambem.htm>>. Acesso em: 23 jun. 2016.
- _____. (2016b). **O que o assalto de Gisele Bündchen nas Olimpíadas revela sobre o Brasil.** 2016b. Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/colunas/azmina/2016/08/02/o-que-o-assalto-de-gisele-bunchen-nas-olimpiadas-revela-sobre-o-brasil.htm>>. Acesso em: 23 jun. 2017.
- BERTHO, Helena. (2016). **Por que a ginástica é artística só para as mulheres.** 2016. Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/colunas/azmina/2016/08/15/por-que-a-ginastica-e-artistica-so-para-as-mulheres.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2017.
- BRASIL, Ubiratan. (2016). **Olimpíada do Rio se consolida como os 'Jogos da diversidade'.** Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,olimpiada-do-rio-se-consolida-como-os-jogos-da-diversidade,10000069778>>. Acesso em: 14 jun. 2017.
- BRITO, Daniel. (2015). **Saltadora brasileira no Pan se choca com comentários em foto de maiô.** 2015. Disponível em: <<https://pan.uol.com.br/noticias/2015/07/08/saltadora-brasileira-no-pan-se-choca-com-comentarios-em-foto-de-maio.htm>>. Acesso em: 23 jun. 2017.
- CAMARGO, Wagner Xavier de. (2016). **Gênero e sexualidade na Olimpíada Rio 2016.** 2016. Disponível em: <<http://jornal.usp.br/artigos/genero-e-sexualidade-na-olimpiada-rio-2016/>>. Acesso em: 14 jun. 2017.
- COLLING, Ana Maria. (1998). Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam. **Masculino, feminino, plural.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

- FOUCAULT, Michel. (2008). **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. (2013). **A ordem do discurso**. 23. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- _____. (2009). História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.
- LAURETIS, Teresa de. (1989). La tecnología del género. In: LAURETIS, Teresa de. **Technologies of Gender: Essays on Theory, Film and Fiction**. London: Mcmillan Press, 1989. p. 1-30.
- MAINGUENAU, Dominique. (2015). **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- NICHOLSON, Linda. (2000). Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-42, 2000.
- PRADA, Monique. (2016). **Prostituição e feminismo podem se aliar nestas olimpíadas**. 2016. Disponível em: <Prostituição e feminismo podem se aliar nestas olimpíadas>. Acesso em: 26 jun. 2017.
- QUEIROZ, Nana. (2016a). **Abertura do futebol expõe machismo do comentário: “jogo de mulher é feio”**. 2016a. Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/colunas/azmina/2016/08/04/abertura-do-futebol-expoe-o-machismo-do-comentario-jogo-de-mulher-e-feio.htm>>. Acesso em: 26 jun. 2017.
- _____. (2016b). **Como a medicina transformou menstruação e gravidez em vantagem para atletas**. 2016b. Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/colunas/azmina/2016/08/18/como-a-medicina-transformou-menstruacao-e-gravidez-em-vantagem-para-atletas.htm>>. Acesso em: 23 jun. 2017.
- _____. (2016c). **E mulheres falando de musos das Olimpíadas, pode?** 2016c. Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/colunas/azmina/2016/08/06/e-mulheres-falando-de-musos-das-olimpiadas-pode.htm>>. Acesso em: 26 jun. 2017.
- ROCHA, André Ítalo; MONTEIRO, Tânia. (2017). Temer: Ninguém melhor do que a mulher para indicar 'desajustes de preços no supermercado'. **Estado de São Paulo**, São Paulo, 8 mar. 2017. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,temer-ninguem-melhor-do-que-a-mulher-para-indicar-desajustes-de-precos-no-supermercado,70001691954>>. Acesso em: 15 abr. 2017.
- RODRIGUES, Laís Modelli. (2016). **Blogs coletivos feministas: um estudo sobre o feminismo brasileiro na Era das Redes Sociais na Internet**. 2016. 161 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2016.
- SCHMIDT, Simone Pereira. (2004). Como e por que somos feministas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, p.17-22, dez. 2004.
- SCOTT, Joan Wallach. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

VELOSO, Ana. (2014). Mulher e mídia no Brasil: “uma pauta desigual”? In: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska. **Estudos feministas e de gênero**: articulações e perspectivas. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2014. p. 408-423.

VICENTIN, Carolina. (2016). **Exigência de beleza e uniforme curto atrapalham mulheres, dizem estudiosos.** 2016. Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/colunas/azmina/2016/08/03/exigencia-de-beleza-e-uniforme-curto-atrapalham-mulheres-dizem-estudos.htm>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

ZUCCHI, Gustavo. (2016). **COI muda regra e permite atletas transgêneros na Olimpíada.** Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,coi-muda-regra-e-permite-atletas-transgeneros-nas-olimpiadas,10000053822>>. Acesso em: 29 maio 2017.